

HABILIDADES SOCIAIS PARENTAIS E O ESTRESSE INFANTIL

Monica Augusta Mombelli
Cheila Fernanda Silva
Cleonice Borges de Almeida
Ivania Patrícia Wandrowski
(Faculdade Anglo Americano - Foz do Iguaçu – Pr)

Resumo

Atualmente, no atendimento a criança a família deve necessariamente ser analisada como um fator de proteção e/ou risco ao desenvolvimento biopsicossocial de seus membros. Este artigo teve por objetivo pesquisar a relação das habilidades sociais parentais com o estresse infantil, pois é notória a crescente dificuldade encontrada pelos pais quanto ao relacionamento com os filhos. Este estudo foi realizado em uma Escola Municipal de Foz do Iguaçu com estudantes 2º ano. A amostra foi composta por 16 crianças de ambos os sexos, de 06 a 09 anos de idade, e seus respectivos pais. Os instrumentos utilizados foram entrevista semiestruturada, Inventário de Habilidades Sociais (IHS – Del Prette) e Escala de Stress Infantil (ESI). Os resultados indicaram que das 16 crianças, apenas uma delas, do sexo masculino, apresentou estresse psicológico significativo. O resultado dos testes aplicados nos pais apresentou repertório de habilidades sociais abaixo da média inferior. Os resultados encontrados de modo geral indicaram que repertório de habilidades sociais parentais não foram fatores de risco ao estresse infantil.

Palavras-chave: habilidades sociais parentais, estresse infantil, interação pais e filhos.

Abstract

Parental Social Skills and Child Stress

Currently, in meeting the child the family must necessarily be regarded as a protective factor and / or risk to the biopsychosocial development of its members. This study aimed to investigate the relationship of parental social skills with childhood stress, as is notorious the increasing difficulty of the parents and the relationship with the children. This study was conducted in a Municipal School of Foz do Iguaçu with 2nd year students. The sample consisted of 16 children of both sexes, 06-09 years of age, and their parents. The instruments used were semi-structured interview, Social Skills Inventory (IHS - Del Prette) and Child Stress Scale (ESI). The results indicated that of the 16 children, only one of them, male, showed significant psychological stress. The result of the tests applied in the parents presented repertoire of social skills below the lower average. The results generally indicated that parental repertoire of social skills were not risk factors of childhood stress.

Key-words: parental social skills, stress child, parent-child interaction.

Introdução

Historicamente pode-se observar
como o contexto familiar sofreu

modificações tanto em sua configuração quanto estrutura, a exemplo disto é possível mencionar à transformação do comportamento e papéis parentais assumidos pelo homem e pela mulher, visto que esta entrou para o mercado de trabalho, e agora precisa dividir seu tempo, assumindo diferentes atribuições, ou seja, ser mãe, esposa, dona de casa e ainda ter um emprego remunerado (Fleck & Wagner, 2003).

Conforme Covelo (2012) na família contemporânea, os papéis do pai e da mãe foram resignificados e, sendo assim, não é mais só o pai que possui autoridade sobre os filhos, ele divide este papel com a mãe, pois ela não só cuida, mas agora também tem poder e influência sobre eles, que também estão mais ativos dentro dessa estrutura.

Mudanças vêm ocorrendo e podem incidir no desenvolvimento biopsicossocial de seus membros de modo protetivo e/ou como risco. Um exemplo, os sintomas de estresse que podem ser observados no contexto familiar decorrentes desta constante e rápida transformação. O estresse ocorre como uma resposta do organismo que se expressa por meio de reações biológicas, físicas e psicológicas, frente a situações difíceis que estimulam a excitação na quebra da homeostase. Esta

reação do organismo é natural, mas pode ser patológica se for provocado por estresse intenso ou prolongado causando o enfraquecimento do organismo e consequente déficit no funcionamento do sistema imunológico (Santos & Castro, 1998).

O estresse pode antecipar patologias de acordo com as predisposições genéticas e adquiridas individualmente, não se apresentando com sintomas semelhantes em todos os indivíduos. Quando ele inicia os sintomas de mãos frias, aceleração do coração e falta de sono, tensão dos músculos e irritação pode ser comum a várias pessoas. Com o desgaste do organismo por vivenciar esta situação de estresse constantemente podem vir outros sinais que variam de acordo com cada constituição individual como cansaço constante, dificuldades de memorização, apatia, depressão, desânimo, ansiedade, distúrbios gástricos, fuga, dificuldade de concentração, gripes, patologias dermatológicas e retração gengival (França & Rodrigues, 2005).

De acordo com Lucarelli e Lipp (1999) a criança ao ser exposta a um evento estressante tanto positivo quanto negativo, entrará em estado de alerta que ativará o sistema nervoso simpático e as glândulas suprarrenais com liberação da

adrenalina estimulando a reação de luta e fuga na criança que poderá ocasionar mudanças nos hábitos de sono e alimentação.

A avaliação do estresse na infância pode contribuir para esclarecimentos e orientações de quais intervenções podem ser feitas (Lucarelli & Lipp, 1999). Afinal, muitas crianças sofrem sem o diagnóstico adequado, com a manifestação de “problemas psicológicos e físicos, que fracassam na escola, que usam drogas e que praticam outros atos preocupantes” (Lipp, 2000, p.14).

As vivências de situações de estresse pela criança são importantes para que aprendam a lidar com ele, promovendo uma proteção emocional quando ele se apresentar de forma grave. Porém estas situações devem ser proporcionais às condições da criança no que diz respeito as suas habilidades, maturidade, fase de desenvolvimento e condições de resistência. É preciso haver um equilíbrio para que não haja exposição em demasia e nem ausência que lhe abdique de desenvolver estratégias graduais para o enfrentamento (Lipp, 2000).

A família pode contribuir significativamente para a prevenção do estresse e, segundo Lipp (2000) isso pode ocorrer por meio da aprendizagem, com os pais, de crenças, ideias e valores que ditam

as regras do pensar e do agir da criança nas diferentes situações do seu dia a dia.

Sendo assim, a presença de habilidades sociais no contexto familiar implicará no sucesso de suas relações interpessoais. Com estas habilidades haverá o desenvolvimento de relações pessoais e profissionais com maior produtividade, satisfação e duração, proporcionando bem-estar físico e mental, além de adequado funcionamento psicológico. Quando isto se torna deficitário haverá dificuldades, conflitos interpessoais, baixa qualidade de vida e o desenvolvimento de transtornos psicológicos (Portela, 2011).

Del Prette & Del Prette (2001) classificam Habilidades Sociais (HS) em: HS de comunicação, HS de civilidade, HS assertivas, direito e cidadania, HS empáticas, HS de expressão de sentimento positivo, e por fim as HS de trabalho. Estas habilidades são necessárias para toda ação relacionada ao convívio social mais hábil, estando presente nas demandas de diversas ações humanas e contextos sociais.

As habilidades sociais de civilidade se relacionam aos comportamentos de agradecimento, apresentação, cumprimentos e despedida. As habilidades sociais assertivas envolvem ações de manifestar de opiniões, pedir, recusar, aceitar, pedir desculpas, aceitar falhas,

interagir com autoridade, encerrar relações, relatar desagrado, solicitar modificação de comportamento e dar-se bem com críticas. As habilidades sociais de trabalho compõem-se de coordenação de grupos, expressão oral em público, resolução de problemas, tomada de decisões e mediação de conflitos e habilidades educativas. As habilidades de comunicação relacionam-se a perguntar e responder, elaborar e receber feedback, ter gratidão, tecer elogios, participar e encerrar um diálogo. As habilidades de expressão de sentimento positivo correspondem aos comportamentos de ter amizades, ser solidário e amoroso, colocar-se no lugar do outro e conseguir apoiá-lo (Portela, 2011).

Complementando as definições de habilidades educativas que são associadas às habilidades de trabalho, Del Prette & Del Prette (2001, p. 95) explicam que “são aquelas intencionalmente voltadas para a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem do outro, em situação formal ou informal”. Sendo assim estas habilidades permeiam as relações sociais onde o indivíduo se volta para o outro, convivendo em sua coletividade em qualquer momento e ambiente que requeira suas ações. A infância se constitui em uma fase oportuna para aprendizagem de repertórios de habilidades sociais do

indivíduo que são necessários para atuação em vários contextos sociais onde se exige o desempenho destas.

Sendo assim, esta pesquisa é importante para a compreensão das interações familiares, para que este tema seja amplamente discutido, visto que atualmente muito se debate sobre a importância da educação dada pelos pais, os quais necessitam de repertórios de habilidades sociais para propiciar a criança uma boa interação, socialização e convívio com as demais pessoas que a cercam. Desta forma o presente estudo teve como objetivo verificar a relação das habilidades sociais parentais com o estresse infantil, avaliar o repertório de desempenho das habilidades sociais dos pais, bem como o nível de estresse de filhos e a partir disto estabelecer quais os fatores encontrados entre estas variáveis.

Método

Trata-se de uma pesquisa de campo qualitativa descritiva, com o auxílio de revisão bibliográfica para a fundamentação teórica e discussões frente aos resultados identificados. A presente pesquisa foi realizada na cidade de Foz do Iguaçu, região oeste do Paraná. A amostra geral foi composta de 16 crianças, sete do

sexo masculino e nove do sexo feminino, que frequentavam o 2º ano na escola Municipal Irio Manganelli, juntamente com seus responsáveis (pais e mães). A faixa etária das crianças abrangeu as idades de seis a nove anos com média de 7,8 anos. A amostra total dos pais foi composta de 20 participantes, sendo que 11 do sexo feminino e nove do sexo masculino, para os demais pais não foi possível entrevistá-los por motivos pessoais e de viagem a trabalho.

A pesquisa de campo para a coleta de dados com os pais foi realizada por meio de aplicação de um questionário sociodemográfico, composto por itens que tinha por objetivo abarcar questões sobre: idade, gênero, se era pai ou mãe, grau de instrução, profissão, carga horária de trabalho, horário de trabalho, renda atual, estado civil e número de pessoas que vivem na mesma residência; um questionário semiestruturado que contemplava informações sobre o relacionamento entre pai e filho, descrição do seu cotidiano, dos comportamentos observados em seus filhos, e como reage a eles.

Também utilizou-se o Inventário de Habilidades Sociais (IHS) de Del Prette e Del Prette, de Almir Del Prette e Zilda A. P. Del Prette (2001), o qual é um instrumento com características

psicométricas, aplicável a jovens no final da adolescência e adultos, aprovado pelo Conselho Federal de Psicologia. Contém 38 itens sendo necessário o preenchimento de uma folha de resposta sobre os itens do tipo de escala Likert, com atribuição de 5 pontos, de acordo com a descrição da estimativa da frequência de reações frente a uma situação de relação interpessoal e uma demanda de habilidade para reagir àquela situação, sendo A para raramente, B com pouca frequência, C com frequência regular, D muito frequentemente, E sempre ou quase sempre. A obtenção dos Escores fatoriais será dada pela soma dos pontos obtidos nos itens de cada fator, com a divisão pelo número de itens de cada fator.

Nas crianças utilizou-se um questionário com duas questões abertas, sobre o seu relacionamento com os pais e como é o seu cotidiano, o ESI - Escala de Stress Infantil de Marilda Emmanuel Novaes Lipp e Maria Diva Monteiro Lucarelli (2005), que avalia sintomas de estresse infantil possui 35 itens, aplicável à faixa etária que compreende seis a 14 anos, de forma individual ou coletiva, é um conjunto de 35 afirmações, sendo agrupado em quatro fatores: são nove itens para avaliar as Reações Físicas (RF), nove itens para as Reações Psicológicas (RP), nove itens para as Reações Psicológicas com Componentes Depressivos (RPCD) e oito

itens para as Reações Psicofisiológicas (RPF) em escala tipo Likert de 5 pontos, registrada em quartos de círculos, que devem ser preenchidos à medida que os sujeitos sentem os sintomas mencionados pelas afirmações. Para apuração dos resultados é atribuído à escala Likert um ponto a cada quarto de círculo. Pode-se afirmar que um examinando apresenta sinais significativos de estresse quando: houver círculos completamente preenchidos em sete ou mais itens da escala total ou, total igual ou maior que 27 pontos forem obtidos em qualquer dos três fatores: reações físicas (itens 2,6,12,15,17,19,21,24 e 34); reações psicológicas (itens 4,5,7,8,10,11,26,30 e 31); e reações psicológicas com componente depressivo (itens 13,14,20,22,25,28,29,32 e 35) ou a nota igual ou maior que 24 pontos for obtida no fator reações psicofisiológicas (itens 1,3,9,16,18,23,27 e 33), ou a nota total da escala for maior que 105 pontos.

Antes do início da coleta de dados os participantes foram informados sobre a garantia do anonimato, da participação voluntária e sobre os procedimentos que seriam tomados em caso de desistência em qualquer fase da pesquisa. Após esclarecimentos dos objetivos, foi solicitado o preenchimento da autorização

da sua própria participação e de seu filho por meio do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Para preservar a identidade dos participantes, estes serão apresentados com nomes fictícios.

Primeiramente foram coletados os dados dos pais, onde foi aplicado um questionário sociodemográfico, questionário semiestruturado e o instrumento IHS. Posteriormente foi agendado com a escola para ser realizado a coleta de dados das crianças. As aplicações foram individuais com duração em média de 45 minutos entre todos os instrumentos.

Todos os procedimentos para coleta de dados foram norteados pelos princípios da ética na pesquisa que procurou abranger todos os aspectos éticos previstos na resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde que regulamenta os cuidados éticos nas pesquisas com seres Humanos (Res. CNS 196/96, V). Esse trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Assis Gurgacz (Parecer nº 807.975).

Resultados

Participaram desta pesquisa 16 crianças, e seus respectivos pais. A amostra total dos pais foi composta de 20 pais entrevistados, sendo que 11 do sexo

feminino e nove do sexo masculino. Foi possível entrevistar oito casais, somente o pai foi apenas um, e somente a mãe foram três participantes. A média de idade das mães foi de 38 anos, dessas sete são donas de casa e quatro trabalham fora, quatro mães possuem o 1º grau incompleto, e seis delas possuem o segundo grau completo. A média de idade dos pais é de 39,5 anos, todos os pais trabalham fora, com carga horária média de 9,5 horas por dia, a renda média das famílias é de dois salários mínimo ou superior e em suas casas vivem em média quatro pessoas.

Os resultados do Teste ESI (Escala de Stress Infantil) apontaram que das 16

crianças pertencentes à amostra, constatou-se que apenas uma do sexo masculino, apresentou sinais significativos de estresse principalmente de ordem psicológica, porém as demais crianças da amostra total não apresentaram sinais significativos de estresse.

Conforme pode ser visto na tabela 1, em relação às fontes menos mencionadas pelas crianças foram “Tenho vontade de bater nos colegas sem razão”, “Quando fico nervoso durante o dia molho a cama à noite”, “Raspo um dente no outro fazendo barulho”.

Tabela 1: Fontes de estresse menos citadas pelas crianças.

Fontes de Estresse	Amostra total
Raspo um dente no outro fazendo barulho.	13
Tenho vontade de chorar.	10
Quando fico nervoso fico com vontade de vomitar.	13
Quando fico nervoso durante o dia molho a cama à noite.	15
Fico nervoso com tudo.	10
Sinto aflição por dentro.	10
Tenho dificuldade de dormir.	12
De repente comecei a não gostar mais de estudar.	12
Tenho vontade de bater nos colegas sem razão.	16
Tenho vontade de sumir da vida.	11
Penso que sou feio, ruim, que não consigo aprender as coisas.	10
Não tenho vontade nenhuma de me arrumar	10
Quando fico nervoso gaguejo.	10
Meu coração bate depressa mesmo quando não corro ou pulo.	12

Fonte: ESI

Como pode ser observado na Tabela 2, as fontes de estresse mais mencionados pelas crianças foram “Fico preocupado que coisas ruins possam

acontecer”, “Estou o tempo todo me mexendo e fazendo coisas diferentes”, “Tenho dificuldades para prestar atenção”.

Tabela 2: Fontes de estresse mais citadas pelas crianças

Fontes de Estresse	Amostra total
Demoro para conseguir usar o banheiro.	4
Fico preocupado que coisas ruins possam acontecer.	8
Sinto pouca energia para fazer as coisas.	4
Estou o tempo todo me mexendo e fazendo coisas diferentes.	4
Tenho dificuldades para prestar atenção.	4

Fonte: ESI

Ao analisar os dados obtidos no resultado do teste IHS (Inventário de Habilidades Sociais) aplicados aos pais, percebeu-se que no ET – Escore Total dos pais e mães participantes houve empate no que se refere às habilidades sociais, sendo cinco pais e cinco mães com o repertório abaixo da média inferior.

No fator de enfrentamento e autoafirmação com risco os dados também ficaram muito próximos, sendo quatro pais e cinco mães com o repertório nesse fator abaixo da média inferior. Logo, temos no ET – Escore Total, e no Fator 1 – enfrentamento com autoafirmação com repertórios abaixo da média inferior tanto para os pais, quanto para as mães.

Verificou-se que para o Fator 2 que envolvia aspectos de repertórios relacionados com o desempenho da autoafirmação na expressão de sentimento positivo, houve uma preponderância dos resultados sendo três pais com repertórios

classificados como bom acima da média e quatro mães com repertórios abaixo da média inferior nessa escala.

Os dados obtidos na aplicação do mesmo instrumento verificou-se que para o Fator 3, que envolvia aspectos relacionados com o desempenho de repertórios referentes à conversação e desenvoltura social, constatou-se uma preponderância de quatro pais e cinco mães com repertórios abaixo da média inferior.

Com relação à autoavaliação das habilidades sociais notou-se pelos resultados parciais do Fator 4, no que se refere à auto exposição a desconhecidos e situações novas, que seis pais e seis mães apresentaram indicadores de repertório social deficitário no escore total dessa escala, com repertório abaixo da média inferior.

Quanto ao resultado do Fator 5 que dizia respeito a autocontrole da agressividade, sete mães e cinco pais

apresentaram também, indicadores de habilidades abaixo da média inferior nessa escala.

Ao correlacionarmos os resultados dos testes de Inventário de Habilidades Sociais (IHS) com a Escala de Stress Infantil (ESI) aplicados na família Moraes, pôde-se perceber que as habilidades sociais parentais destes pais não podem ser consideradas como fatores protetivos ao desenvolvimento do estresse infantil de seu filho, pois na análise dos resultados do teste ESI houve sinais significativos de estresse. No entanto ao analisar o IHS dos pais dessa mesma criança, verificou-se que a mãe apresentou um bom repertório de habilidades sociais e o pai apresentou um repertório bastante elaborado, com resultados acima da média, indicando recursos pessoais bastante satisfatórios. Ao analisar as respostas das entrevistas abertas pôde-se constatar que o pai analisa o seu relacionamento com o filho de forma positiva, apesar da mãe se mostrar um pouco mais distante, o pai percebe a sua relação com o filho como um *“Bom relacionamento, pois tento fazer o melhor, para que ele goste de estar junto comigo”*, a mãe considera que seu relacionamento com o filho *“Um pouco distante, pois trabalha e estuda, então só nos vemos a noite e fins de semana”* e *“Procuro compreendê-lo em certas atitudes, pois sei*

que estou ausente”. Em contrapartida ao se investigar a percepção do filho acerca da estrutura familiar, constatou-se um distanciamento dos pais no seu dia-a-dia, pois a resposta da criança a pergunta aberta mostra como é a sua visão da interação entre ele e seus pais, *“Minha mãe não dá atenção”* e *“Meu pai não brinca muito, discutimos, porque um implica com o outro”*.

A análise feita das entrevistas abertas da família Ferreira com dois filhos que também realizaram os testes e entrevistas e que apresentaram repertório de habilidades abaixo da média demonstra que o pai percebe que tem boa relação com seus filhos, no entanto eles não obedecem, acredita que *“trata os dois filhos iguais”*, e que os filhos *“demoram um pouco para obedecer”* um dos filhos *“é bem desobediente e pela idade demora para entender, reclama quando se pede para fazer algo, mas é amoroso”* quanto ao outro filho *“reclama muito quando se pede para fazer algo”*, na percepção da mãe acha que *“o relacionamento com os filhos é um pouco difícil, há muita desobediência”*, para ela um dos filhos *“É mais agitado, nervoso”* e o outro *“É um pouco mais calmo”*.

Na entrevista aberta da família Pereira com dois filhos que não apresentaram sinais significativos de

estresse infantil, a mãe apresentou bom repertório de Habilidades Sociais dentro do Escore Geral e descreveu na entrevista aberta um bom relacionamento com os filhos, sendo que o filho mais velho é *“muito inteligente, tem facilidade de aprender e atende ao que é solicitado”*, mas relata que o filho mais novo *“tem muitos conflitos com os irmãos, mas está melhorando”*. O pai, com resultados de repertório abaixo da média inferior de Habilidades Sociais descreve o relacionamento com os filhos *“é tranquilo e bom, sempre estão juntos de noite”*. Considera o filho mais novo *“bom e obediente, mas chama atenção quando faz arte, briga com os irmãos”*. Descreve o filho mais velho como *“tranquilo e calmo, mas às vezes encrenca com os irmãos”*.

A análise da família De Paula, a mãe no que se refere à questão que pede para descrever seu relacionamento com seu filho, diz *“Eu e minha filha vivemos em choque a maior parte do tempo”*, *“eu, muitas vezes permito certas ações para evitar estresse”*, *“em algumas situações permito que ela faça o que quer para evitar maiores confusões e em outros levo o caso ao extremo e não permito nada”*. Nesse caso a mãe apresenta um repertório de habilidades sociais abaixo da média inferior, diferente do pai que apresentou

bom repertório de habilidades sociais, acima da média.

Nas entrevistas abertas quatro mães declararam ter um bom relacionamento com os filhos, uma declarou como ótimo, duas declararam difícil e uma distante. Enquanto oito pais declararam ter um bom relacionamento com seus filhos, apenas duas crianças relataram deste modo. As dificuldades que os pais citaram quanto ao relacionamento com seus filhos foram: desobediência, agitação, teimosia, birra, revolta, brigas com irmãos, falta de atenção, relação dos filhos com outras pessoas. As reações adotadas pelos pais para lidar com estas situações foram relacionadas à: carinho, atenção, rigidez, exigências, diálogo, punições, elogios, imposição de limites, deixar o filho fazer o que quer, nervoso, calma, e desconhecimento de como agir.

Quanto à prática de atividades de lazer, recreação e culturais as 16 crianças entrevistadas declararam que participam destas atividades com os amigos e com os irmãos, sendo que cinco delas compartilham desses momentos também junto com seus pais, sendo confirmado por três pais e duas mães que declararam participar destas atividades.

A amostra utilizada demonstrou que o baixo repertório de habilidades

sociais parentais da maioria dos pais pesquisados, não teve relação significativa com fatores de risco ao desenvolvimento de estresse infantil.

Discussões

Os resultados desse estudo permitiram verificar que a identificação da falta de habilidades sociais parentais apresentadas pela população estudada, não foram fatores de risco para o desenvolvimento de estresse infantil, visto que os pais apresentaram no geral baixo repertório de habilidades sociais parentais e a maioria das crianças não apresentaram sinais significativos de estresse infantil.

Nas últimas décadas o estresse tem estado mais presente na vida do ser humano, a população não está preparada devidamente para enfrentar situações ou eventos que contribuem para a quebra do equilíbrio do organismo. Da mesma forma podem-se observar tais características nas crianças, pois as mesmas ainda não obtiveram a capacidade de enfrentar ou se expressar diante de um evento estressante, dessa forma, reage a isso com agressividade e irritabilidade. “A forma como seus pais e/ou responsáveis lidam com situações estressantes tornam-se modelo a ser seguido pela criança” (Gomide, 2005, p.171).

Para educar uma criança, inevitavelmente “esperamos remover uma parte da nossa carga de preocupação e ansiedade e recrutar a ajuda das crianças para carregar o peso da vida” (Elkind, 2004, p. 29). A intenção não é causar algum dano às crianças, tendo essa atitude acredita-se que como a sociedade, passa-se a crer que é bom amadurecer rapidamente, mas, mesmo assim elas saem prejudicadas desde a sua infância. A família é o primeiro ambiente onde a criança aprende regras e modos de se relacionar, a base que os filhos necessitam para se socializarem é dever dos pais ensiná-los, ressaltando assim o papel fundamental da família, sendo uma espécie de porto seguro, fonte de afeto, proteção e bem-estar, assim como de educação e socialização do cidadão.

Os pais deveriam oportunizar a criança toda estrutura familiar adequada, onde ela se sinta segura, para que haja um crescimento positivo. Os pais exercem o papel de mediadores referente a questões sociais; suas crenças, sentimentos, cognições e inclusive suas habilidades sociais (Rohenkohl, 2012). Independente das habilidades sociais dos pais, os filhos apresentam recursos de enfrentamento para lidar com as situações estressantes.

Um meio familiar com muitos conflitos e confuso, está associado com a inexistência de normas, com menor prática

de atividades culturais e recreativas, com pouca interação familiar. Entretanto um meio familiar que se apresenta protegido e alicerçado está correlacionado com a implantação de regras, onde a crianças sentem-se mais seguras confiantes (Oliveira, 2009). Logo se observa que a estrutura familiar é de extrema importância como um fator de proteção ao estresse infantil, pois a família exerce um papel socializador, mesmo com as grandes modificações que ocorreram no núcleo familiar nos últimos tempos, onde os papéis de cada indivíduo se confundem. Considerando o perfil social da família e da criança, pode-se perceber que as crianças pesquisadas podem não ser apegadas a família, mesmo com a maioria das mães sendo donas de casa, e também um bom nível social e de escolaridade dos pais.

A hipótese quanto ao provável desapego destas crianças com suas famílias pode ter relação com atividades recreativas, de lazer e socioculturais que estas relataram desenvolver com irmãos, amigos, colegas. Atividades que proporcionem interações familiares pode ser fator de prevenção ao estresse infantil, na visão de Lipp (2000) outro aspecto na prevenção do stress infantil é o tempo que a criança passa em atividades não

programadas, na brincadeira livre ou sem fazer nada. Brincar é uma atividade fundamental para o desenvolvimento da criança.

A educação de uma criança depende de cuidados até atingir a maturidade, assim a família contribui no desenvolvimento desta com a satisfação de necessidades básicas e com a oferta de um ambiente propício ao desenvolvimento de capacidades físicas, mentais e sociais com afeição e segurança. Assim, o acompanhamento das mães no cotidiano de seus filhos, pode ser fator colaborador para o não desenvolvimento do estresse infantil (Mondardo & Valentina, 1998).

No que se refere ao autocontrole da agressividade, esta faz parte de todo um contexto, o que dificulta e atrapalha a relação da criança com tudo que lhe cerca, acarretando em conflitos, rupturas no relacionamento com os pais. A descrição das relações familiares observadas nesta pesquisa pelos relatos dos participantes pode ser um fator importante de proteção para manifestação de problemas psicológicos, consequentemente estresse infantil (Rohenkohl, 2012).

Percebe-se que no fator de enfrentamento e autoafirmação, os pais e mães entrevistados apresentaram escassez de habilidades sociais, onde se observou a

dificuldade dos mesmos a encarar determinadas situações como: se manifestar em grupos ou a pessoas desconhecidas, falar com público desconhecido e até mesmo lidar com críticas, é preciso atentar para os comportamentos dos pais derivado de emoções intrínsecas no convívio. O processo de educar não é fácil, exige um crescimento dos pais junto com os filhos, participando de todo o seu curso desde bebê até quando ele possa adquirir a sua autonomia, os pais são espelhos para os filhos.

A avaliação das habilidades sociais parentais dos pais apresentou deficiência quanto à exposição a situações novas ou a desconhecidos, no entanto faz parte da educação ensinarem os filhos como se portar em tais situações para isso os pais precisam trabalhar em si essa questão. Segundo Caetano (2009, p. 07) “O conceito de autonomia é definido no contexto relacional, em outras palavras, a grande proposta desse processo é a construção de um eu adaptado ao coletivo”. Muitos pais desejam educar seus filhos para a autonomia, mas suas atitudes diferem de suas intenções, e acabam entrando em desacordo com seus objetivos. No processo de desenvolvimento do indivíduo a autonomia é considerada sua maior conquista.

No fator referente à conversação e desenvoltura, os pais demonstraram carência nesse quesito precisando desenvolver essas habilidades, visto que para que haja um bom relacionamento entre pais e filhos a comunicação clara e objetiva é um fator essencial, para que não haja conflitos futuros. Um aspecto relevante é o preparo dos pais em relação à educação dos filhos, não se pode descuidar, ignorar ou até mesmo simplificar essa tarefa, pois situações mal explicadas para a criança pode dar origem a ansiedades, aflições e sofrimentos desencadeados pela mãe e o pai, devido equívocos na má orientação resultante do desconhecimento e preconceito repassados de geração para geração, e pessoas de sua convivência em geral, reproduzindo assim os mesmos erros (Mielnik, 1977).

Com relação ao autocontrole da agressividade, os pais também demonstraram deficiência nesta habilidade, no entanto esse descontrole pode gerar inúmeros problemas dentro da família, gerando nos filhos medo e distanciamento até podendo utilizar a mentira com medo da punição que poderá sofrer. Para isso a utilização de uma conduta de autoridade dentro dos padrões aceitáveis, enfatizando-se mais o “aspecto **positivo** de estímulo e compreensão e menos o aspecto **negativo** da proibição e imposição, resultará em

benefícios maiores para a criança e melhor relacionamento entre pais e filhos” transformando a tarefa de educar em uma atividade tranquila com menos aborrecimentos (Mielnik, 1977, p.161).

Na maioria das famílias pesquisadas, observou-se que o pai é o membro da família que possui maior carga horária de trabalho, ausentando-se muitas horas do ambiente familiar com pouco tempo disponível para interação com seus filhos. O genitor é o mais suscetível ao estresse que a mãe, no que diz respeito à questão econômica e a segurança financeira da família, principalmente pela crença que essa função de provedor financeiro deve ser suprida pelo genitor, bem como o ambiente familiar socioeconômico é indicador de variabilidade de cuidado com as crianças, tanto pelos pais como por terceiros, deste modo, isto pode ser um fator desencadeador de estresse infantil em momento futuro, mesmo que a maioria dos pais entrevistados relatou que convive pouco tempo com os seus filhos, entretanto consideram positivo o relacionamento entre eles (Gomes, 2011).

Por outro lado, a possibilidade das mães em acompanhar o cotidiano de seus filhos, prestar cuidados básicos de atendimento frente às necessidades

indispensáveis a infância e prestar o apoio adequado frente às situações de estresse nas dificuldades de relacionamento entre eles, mesmo que através de reações diversas e sem que a maioria delas possuísse o repertório adequado de habilidades sociais parentais, podem estar contribuindo para que seus filhos mantenham um senso de estabilidade e rotina diante de possíveis mudanças que venham a vivenciar, fornecendo deste modo um modelo adequado para agir diante dos momentos de estresse que venham a apresentar-se durante a vida (Maia & Willians, 2005).

Considerações Finais

Estudos sobre habilidades sociais parentais e relações destas com o estresse infantil não foram encontrados até o presente momento. De acordo com este estudo identificou-se que não existe relação significativa entre as Habilidades Sociais Parentais e o estresse infantil, pois os pais apresentaram repertório de Habilidades Sociais abaixo da média e as crianças não apresentaram resultado significativo de estresse infantil.

Após a análise dos dados obtidos, é preciso reconhecer que a amostra de participantes foi pequena, o que restringe

as afirmações sobre os dados, portanto aponta a necessidade de replicação do estudo com amostras mais amplas, e com estruturas familiares diferentes. As conclusões aqui apresentadas devem ser consideradas de forma cuidadosa, evitando-se generalizações precipitadas que precisarão ser apoiadas por dados de estudos realizados com uma amostra maior, mais representativa.

O estudo das habilidades sociais parentais dos pais e o estresse infantil possibilitou o conhecimento dos principais déficits de habilidades dos pais, e os possíveis desencadeadores de situações estressoras que podem surgir nas crianças, os recursos e estratégias de enfrentamento que estas dispõem para superar suas

dificuldades além de identificar quais fatores possíveis que venham a serem fatores de proteção ao estresse infantil na amostra utilizada na pesquisa.

Torna-se importante a continuidade dos estudos quanto às habilidades sociais parentais favoráveis na prevenção do estresse infantil para que sejam elaborados conhecimentos teóricos que visem à contribuição de uma sociedade que objetiva o bem-estar de sua população, pois a vulnerabilidade de crianças ao estresse pode favorecer para que se tornem adultos frágeis que não resistem às mudanças e dificuldades da vida, que são muitas em um país em desenvolvimento como o nosso.

Referências

Caetano, L. M. (2009). *Pais, adolescentes e autonomia moral: escala de concepções educativas*. (Tese de Doutorado. Curso de Pós-Graduação do Programa em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).

Covelo, G. H. (2012). *Imagens da paternidade: indícios de lugares ocupados pelo pai na psique de homens e meninos na contemporaneidade*. (Dissertação de Mestrado Curso de Pós-Graduação do Programa em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP).

Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2001). *Inventário de Habilidades Sociais (IHS Del Prette): Manual de aplicação, apuração e interpretação*, São Paulo: Casa do Psicólogo.

Elkind, D. (2004). *Sem tempo para ser criança: a infância estressada*. Porto Alegre, RS: Artmed.

Fleck, A. C., & Wagner, A. (2003). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo*, 8 (nº. especial), 31-38.

França, A. C. L., & Rodrigues, A. L. (2005). *Stress e Trabalho: uma abordagem psicossomática*, São Paulo: Atlas.

Gomes, L. B. (2011). *Engajamento Paterno e Agressividade em Crianças de Quatro a Seis Anos*. (Dissertação de Mestrado. Curso do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC).

Gomide, P. I. C. et al . (2005). Correlação entre práticas educativas, depressão, estresse e habilidades sociais. *Psico-USF (Impr.)*, 10(2), 169-178.

Lipp, M. E. N. (2000). *Crianças estressadas: causas, sintomas e soluções*. Campinas, SP: Papyrus.

Lipp, M. E. N.(2005).*Escala de Stress Infantil: ESI*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lucarelli, M. D. M., & Lipp, M. E. N. (1999).Validação do inventário de sintomas de stress infantil - ISS - I. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 12(1), 71-88.

Maia, J. M. D., & Williams, L. C. de A. (2005). Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área. *Temas de Psicologia*, 13(2), 91-103.

Mielnik, I. (1977). *O comportamento infantil: técnicas e métodos para entender crianças*. São Paulo: IBRASA.

Mondardo, A. H., & Valentina, D. D. (1998). Psicoterapia infantil: ilustrando a importância do vínculo materno para o desenvolvimento da criança. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 11(3), 621-630.

Oliveira, N. H. D. (2009). *Recomeçar: família, filhos e desafios [online]*. São Paulo: Editora UNESP.

Oliveira, N. H. D. (2009). *Recomeçar: família, filhos e desafios*. São Paulo: Cultura Acadêmica.

Portela, M. (2011). *Estratégias de THS: treinamento em habilidades sociais*. Rio de Janeiro: CPFA.

Rohenkohl, L. M. I. A., & Castro, E. K. de. (2012). Afetividade, conflito familiar e problemas de comportamento em pré-escolares de famílias de baixa renda: visão de mães e professoras. *Psicologia Ciência e Profissão*, 32(2),438-451.

Santos, A. M., & Castro, J. J. de. (1998). Stress. *Análise Psicológica*, 16 (4), 675-690.

As autoras:

Monica Augusta Mombelli é psicóloga, mestre em Ciências da Saúde (UEM). Docente do Curso de Psicologia na Faculdade Anglo Americano. Avenida Maceió, 2266; Jardim Ipê; Foz do Iguaçu, Pr. CEP: 85869657. (45) 99983755. psicmonicamombelli@gmail.com

Cheila Fernanda Silva é graduada em Psicologia pela Faculdade Anglo Americano, Foz do Iguaçu, Pr. E.mail: cheilafs@yahoo.com.br

Cleonice Borges de Almeida é graduada em Psicologia pela Faculdade Anglo Americano, Foz do Iguaçu, Pr. E.mail: leoniceba@yahoo.com.br

Ivania Patrícia Wandrowski é graduada em Psicologia pela Faculdade Anglo Americano, Foz do Iguaçu, Pr. E.mail: ivaniapw@gmail.com